

Ernst Bloch: nota biográfica

Lucas Maia*

Ernst Bloch é um pensador prolífico, original, mas que, ainda hoje não recebeu o devido reconhecimento no Brasil, apesar de há décadas haver estudos sobre sua obra. Torna-se, pois, relevante realizar uma breve nota biográfica. Não com a intenção de apresentar achados biográficos novos, mas sim, contribuir com o processo de divulgação de seu nome, de sua trajetória.

O exílio é uma das características da sua vida destacada por seus comentadores e biógrafos. Furter (1974), ao fazer uma breve introdução biográfica a Bloch, fala em “uma vida errante”. Infante (2009) principia seu comentário ao livro *Herança desta Época* dizendo o seguinte:

Bloch é um dos pensadores ocidentais especialmente marcados pelo exílio. Experiência que teve em três ocasiões. A primeira em 1917, quando viveu na Suíça, a segunda a partir de 1933 em Viena¹, Praga e Estados Unidos, e a última, em 1961, na República Federal da Alemanha. Em definitivo, Bloch fugiu primeiro do imperialismo guilhermino, em seguida, do nacional-socialismo e, finalmente, do socialismo real (INFANTE, 2009, p. 953).

Estes exílios tiveram também impacto em seu trabalho, pois houve perda de manuscritos, bibliotecas que ele formava ao longo de determinado tempo e depois tinha que deixar para trás etc. Dietschy (2018), seu último assistente, que trabalhou com Bloch no último ano de vida, adverte, por exemplo, que Bloch citava vários trechos de memória (seus biógrafos sempre indicam que sua capacidade de memorização era impressionante), o que acarretava, em alguns casos, certa imprecisão. E fazia isto também porque não tinha os livros à mão. E não os tinha à mão em decorrência destes exílios.

Estes são eventos marcantes na vida e na obra deste pensador. Contudo, já desde cedo havia no jovem Ernst Bloch um entusiasmo com o pensamento, uma certa rebeldia e

* Professor do Instituto Federal de Goiás - IFG. Doutor em Geografia. Pós-doutor em Sociologia. Autor dos livros Comunismo de Conselhos e Autogestão Social (Rizoma Editorial, 2018); As Classes Sociais em O Capital (Edições Redelp, 2020); Nem Partidos nem Sindicatos: a Reemergência das Lutas Autônomas no Brasil (Edições Redelp, 2016) entre outros. E-mail: maiaslucas@gmail.com

¹ De 1933 a 1938, Bloch não viveu somente em Viena (Áustria) e Praga (Checoslováquia). Como informam Zudeick (1992) e Krotz (2011), antes de partir para os Estados Unidos, viveu também na Suíça, Itália e França.

ousadia pouco comuns. Bloch nasce em 08/06/1885 em Ludwigshafen, uma cidade industrial, que à época pertencia à Baviera. Filho único de uma família cujos rendimentos não causavam privação de ordem material, Bloch demonstra, já a partir dos 10 anos de idade, pouco interesse pela escola, onde não faz grandes amizades e tira notas medianas a ruins nos exames.

Aos 12 anos aparece o interesse pela política (de cunho social-democrata). Aos 14 anos, informa Zudeick (1992), Bloch leu discursos de Rosa Luxemburgo e August Bebel, atas dos congressos do Partido Social-Democrata Alemão (SPD, na sigla em alemão), bem como já escreve alguns artigos políticos (mas nunca publicados). A partir daí, começa também a se interessar pela Filosofia. Sua cidade natal, Ludwigshafen, a uma margem do rio Rin, industrial, triste e poeirenta, opõe-se à outra, situada na margem oposta, Mannheim. Cidade clássica, na qual museus, bibliotecas etc. o impressionam demasiadamente. Aos 15 ou 16 anos, assíduo frequentador da *Shillosbibliothek* de Mannheim, já lia os filósofos com grande interesse. Os filósofos antigos, bem como os modernos Kant, Hegel, Shelling eram lidos com afeição pelo jovem Bloch. Além de se ocupar com os filósofos do passado, ele também procurava se corresponder com grandes nomes da filosofia e ciência de seu tempo, como Ernst Mach, Theodor Lipps, Eduard von Hartman, Wilhelm Windelband, Wilhelm Wundt etc. Isto aumentava um pouco mais sua resistência à escola (no curso ginásial). Tinha seus professores em péssima conta. Considerava-os rasos, estúpidos até. Os professores, pelo contrário, consideravam-no presunçoso, arrogante, além de relapso com as atividades escolares. Ainda, na escola, Bloch era tido pelos colegas como “porta-voz”. Organizava atos, pequenas rebeliões e escrevia pequenos panfletos.

Desenvolve-se assim, no juvenil Bloch, o desejo em se tornar filósofo. Seu pai é bastante renitente quanto a isto. Um funcionário das ferrovias reais bávaras, temia pelo futuro do filho. Mas Bloch acabou por convencê-lo. Viu num cemitério, quando estava de férias na Suíça, uma inscrição num túmulo, feita pelo rei Maximiliano II, em homenagem ao filósofo Friedrich Wilhelm Schelling. Seu pai, homem prático, concedeu ao filho o direito de fazer filosofia, acreditando que com ela “também se pode chegar longe” (ZUDEICK, 1992, p. 26).

Ludwigshafen e Mannheim não são só os lugares nos quais Bloch casualmente passou sua infância e juventude e que deixa atrás de si. Para ele são o típico polo

oposto da imagem urbana, que jogam um papel em seu pensamento posterior. Bloch fala de uma “colisão entre Ludwigshafen e Mannheim”, que é ao mesmo tempo uma “colisão entre Hegel e Marx. “O duro, singular e crepitante acordo entre o futuro da esquerda do Rin e o antiquário da direita do Rin seguiu-me de forma bastante clara ao longo de todo meu filosofar” (ZUDEICK, 1992, p. 27).

É assim que, aos 20 anos de idade, em 1905, inicia o curso superior em Filosofia, na cidade de Munique, concluindo-o na cidade de Würzburg em 1908 com uma tese sobre Rickert. Como destacam Krotz (2011) e Zudeick (1992), *Bloch já esboça aí sua tese da existência de um ainda-não-consciente*. Zudeick (1992) informa que Bloch já luta em torno de uma nova filosofia na qual debate temas que o acompanharão pelo resto da vida. Por exemplo, a discussão sobre “obscuridade do instante vivido” e da unidade/totalidade entre passado, presente e futuro.

De 1908 a 1911 estuda em Berlim, participando ativamente dos colóquios na casa do famoso sociólogo George Simmel. É nesta ocasião que conhece George Lukács, com quem desenvolverá uma forte amizade por alguns anos, que logo se dissipará em decorrência de questões políticas, filosóficas e problemas pessoais de ordem relacional. Em 1912, e algum tempo depois, frequenta, juntamente com Lukács, também os colóquios animados por Max Weber.

Em 1913, casa-se com Else von Stritzky, originária da Estônia, filha de família abastada, dona de minas de ouro na Rússia. Sobre isto, Bloch conta anedota que, quando da revolução russa de 1917, as minas de ouro da família de sua esposa foram expropriadas, o que lhes custou uma perda muito grande. Mas, ironizava ele, “foi por uma boa causa”. Else faleceu em 1921 em decorrência de um câncer. Parece ter sido a mulher que Bloch verdadeiramente amou. Karola, sua terceira esposa, conta que, mesmo já velho, Bloch ainda se referia a Else com ternura.

Devido à ajuda financeira da família de Else, Bloch teve uma vida de relativo luxo até o início da Primeira Guerra. Foi neste contexto de tranquilidade financeira que seu primeiro livro foi escrito, *Espírito da Utopia*. Publicado em 1918, teve uma acolhida calorosa, o que não impediu também de ser objeto de críticas bastante contundentes. Segundo comentam seus biógrafos, a segunda edição do livro, em 1923, ampliada e revisada, modificada em importantes partes, é em grande medida resposta a tais críticas.

Com a Primeira Guerra Mundial batendo às portas da Alemanha e o crescente nacionalismo que anima a população em tais circunstâncias, viu Bloch inúmeros

intelectuais, partidos, organizações (até mesmo de esquerda como o SPD – Partido Social Democrata, na sigla em alemão) capitularem diante do chauvinismo nacionalista. Seu rompimento definitivo (que já, em verdade, estava bastante consolidado a partir de divergências filosóficas e políticas ocorridas nos anos anteriores) com Simmel e Weber se consolida. Bloch, autêntico pacifista, coloca-se como crítico da histeria de guerra, bem como do próprio Estado alemão, o que lhe obriga a ter que abandonar o país.

Em 1917, exilou-se por iniciativa própria na Suíça, onde realizou intensa atividade jornalística contra os empenhos e mobilizações de guerra. A guerra e o exílio dão um fim à vida de luxo que viveu desde o casamento com Else. Bloch vive neste ínterim realizando trabalho jornalístico, mas ainda assim recebendo ajuda da família de sua esposa. Em 1918 conhece Walter Benjamim, em Berna (Suíça), com quem manterá contato por vários anos e com quem, tal como com Lukács, realizará prolífico debate político e filosófico.

Terminada a guerra, Bloch retorna a Munique em 1919, onde termina a redação de seu segundo livro *Thomas Münzer: Teólogo da Revolução*, primeiro livro do autor traduzido no Brasil em 1973. Em 1919 publica um artigo, *Acerca do Saber Ainda-não-consciente*, desenvolvendo o conceito de ainda-não-consciente, que já desde 1913 havia intuído. É neste período que Bloch trava conhecimento com importantes intelectuais, tais como, Walter Benjamim, Bertolt Brecht, Kurt Weill, Hanns Eisler, Otto Klemperer etc.

Bloch realiza críticas, ainda em seu exílio suíço, ao bolchevismo, a Lenin, o qual foi chamado por Bloch de “Czar Vermelho”. Tais críticas são feitas em seus textos jornalísticos. Isto é no mínimo paradoxal, já que as todas as referências a Lênin em seus trabalhos teóricos mais desenvolvidos são sempre elogiosas. Também, com relação à Revolução Alemã (1918 a 1921), Bloch dá pouca importância ao evento, o mesmo ocorrendo com a tentativa húngara de revolução (1919) a partir da experiência dos conselhos operários.

Em 1921, falece prematuramente de câncer Else von Stritzky. É também, em 1921, publicado seu *Thomas Münzer*. Argumenta Zudeick (1992) que este é o capítulo final de *O Espírito da Utopia*. Aqui, a procura de Bloch em encontrar uma dimensão utópica no passado é realizada, tendo em vista a leitura que faz das lutas camponesas na Alemanha do primeiro quartel do século XVI, bem como da teologia e escatologia de Thomas Münzer, severo crítico de Lutero. O quiliasmo de Münzer é transcrito em seus

textos e na luta concreta contra a igreja, os latifundiários, os teólogos oficiais. O milenarismo e o apocalipse são os elementos que Bloch imbrica em sua teoria da utopia, uma espécie de teologia, mas uma “teologia sem transcendência”, “um reino dos céus”, mas na terra e sem Deus, ou seja, materialista.

Casa-se, em 1922, com Linda Oppenheimer, uma pintora de Frankfurt, com quem vive até 1928. Deste relacionamento, Bloch fala muito pouco ao longo de seus poucos textos autobiográficos. Também os biógrafos fazem a ele pouca referência. Em 1923 aparece a segunda edição de *O Espírito da Utopia*. Também publica um texto, não muito famoso, intitulado *Através do Deserto*. Até 1930 não publicará nenhum livro, somente uma grande quantidade de textos jornalísticos, tendo em vista, claro, que esta passa a ser a atividade laboral que lhe garante algum soldo. Isto, contudo, não implica que o trabalho na obra filosófica esteja parado.

Ainda em Berlim, a partir de 1926, estreita sua relação com Walter Benjamin, que havia conhecido em 1918, na cidade de Berna (Suíça). Este contato mais próximo dura um par de anos e, por questões filosóficas e políticas, começa a dar lugar a uma separação cada vez mais visível, tomando proporções mais graves em 1933. Processo semelhante ao que se dá também com Lukács, do qual já era amigo desde os idos de 1913. A amizade com este já era bem desgastada, mas Bloch ainda presta elogios ao seu livro *História e Consciência de Classe*, de 1923. O distanciamento, neste caso também, deve-se a motivações filosóficas e políticas.

Em 1928, separa-se de Linda Oppenheimer. Por esta época, Bloch já tinha alguns encontros ocasionais com sua futura esposa (terceira), a arquiteta Karola Piotrkowska, com quem vai morar junto em 1930. Só chegam mesmo a se casarem formalmente em 1934, quando estavam exilados em Paris. 1930 é o ano também em que é publicado um livro singular: *Spuren* (traduzido ora como *Pistas*, ora como *Rastros*). Utilizaremos aqui a tradução *Pistas*, pois indica melhor o sentido detetivesco do livro. Consiste numa busca de pequenos fragmentos do cotidiano, de elementos autobiográficos, de migalhas da vida, escrito em tom literário-ficcional e filosófico simultaneamente, construindo a ideia de procurar *pistas* na vida ordinária, não só com a intenção de ilustrar teses filosóficas, mas, sobretudo, de fazer a filosofia sair dos tratados acadêmicos e caminhar pelas ruas. Benjamin acusa Bloch de tê-lo plagiado neste livro. A análise, contudo, empreendida por Zudeick (1992) desta discussão não aduz à correção das acusações de Benjamin. *Pistas* é

reeditado, com modificações, em 1959. Esta é, inclusive, uma característica de Bloch. Tem o hábito de modificar seus textos em edições posteriores. E não são só correções formais e de estilo. Trata-se de reescrever trechos inteiros, acrescentar capítulos, retirar capítulos, citações, referências a determinados autores etc. Este é o caso, por exemplo, das boas referências a Stalin na primeira edição de *O Princípio Esperança*, de 1954, que são retiradas na segunda edição de 1959.

O drama do exílio se aproxima novamente. Bloch, durante a década de 1920 e princípio dos anos de 1930, coloca-se como crítico severo do nacional-socialismo. Critica inclusive o conjunto de tendências da esquerda que não deu a devida importância à ascensão deste fenômeno, desprezando a questão como coisa de gente tola etc. Segue publicando textos políticos, continua com seu trabalho de jornalista, criticando na imprensa o emergente fascismo. A obra filosófica continua sendo gestada, mas nestes anos turbulentos é, de certa forma, sobrepujada pelas demandas urgentes da época.

Em 1933, parte para o segundo exílio suíço. Zudeick (1992) informa que não conseguiu encontrar, na pesquisa biográfica que desenvolveu, nenhum documento que comprovasse que havia algum mandado de prisão expedido contra Bloch quando da ascensão de Hitler ao poder. Contudo, quando isto acontece, Bloch sai imediatamente da Alemanha, deixando para trás seus manuscritos, casa, biblioteca etc. Karola vai algumas semanas depois, levando duas malas contendo parte de seus manuscritos. Em 1934, é expulso novamente da cidade de Berna (Suíça), visto como *persona non grata*. Vai para Paris, após breve passagem pela Itália. Fica em Paris algum tempo, onde havia vários exilados alemães, todos fugindo do Nazismo. Brecht, Kracauer, Klemperer etc. são alguns dos nomes com os quais Bloch convive durante este período.

Infante (2009) informa que Bloch, por ser judeu² e membro do Partido Comunista Alemão (KPD, na sigla em alemão) é obrigado a exilar-se. Mas segundo informações recolhidas e analisadas por Zudeick (1992), cuja biografia é bem melhor documentada, não há indício algum de que Bloch tenha sido alguma vez membro do KPD. Sua esposa Karola, pelo contrário, era filiada a esta organização. Inclusive, são exatamente as tarefas do partido, assumidas por ela, que levaram ambos a ter que se mudar, em 1935, de Paris para Praga, onde ficaram até 1938, quando partiram para os EUA. Tal mudança se deu

² É bom frisar que, a rigor, Bloch não era judeu. Era filho de pais judeus (que nem eram praticantes muito fervorosos do judaísmo). Bloch era ateu, materialista, marxista. Contudo, como se sabe, para os Nazi, isto não importava e a mera ascendência já era em si fator determinante para perseguição.

muito a contragosto, tanto por parte dela quanto dele, pois Paris, com a quantidade de intelectuais alemães exilados, a efervescência política e cultural, era ambiente bem mais acolhedor a expatriados como os Bloch.

Em 1935, vem a público *Herança desta Época*. Trata-se de uma reunião de textos políticos, filosóficos, de teoria da arte e crítica literária que apresentam a interpretação de Bloch sobre o fenômeno do nazismo e o conjunto de determinações que permitiram que este chegasse aonde chegou. Alguns conceitos e teorias de Bloch que surgem ou são melhor desenvolvidos neste livro, mesmo tendo aparecido em textos anteriores, são marcantes de sua obra, como: não-simultaneidade³, herança cultural, sua crítica da filosofia e ciência contemporânea (Husserl, Spengler, Jung, Heidegger), a análise do expressionismo como forma de manifestação artística, o estudo da história e significado do nazismo, análise das “distrações”, algo próximo ao que posteriormente Adorno e Horkheimer (1985) vão chamar de “indústria cultural” etc. são questões amplamente desenvolvidas neste texto. O livro foi reeditado em 1962, novamente Bloch fazendo grandes alterações na obra.

Temendo uma possível invasão dos nazistas a Praga, a família Bloch, já com um filho a tiracolo, Jam Robert Bloch, com menos de um ano de idade, emigram novamente. Partem em 03/06/1938 para a cidade de Nova York, nos EUA. O exílio americano de Bloch dura até 1949, quando retorna a Alemanha para a cidade Leipzig. Entra em contato com Adorno, o qual já conhecia desde a década de 1920, solicitando trabalho no Instituto coordenado por Adorno e Horkheimer. Não consegue uma vaga de trabalho. Durante todo o período que passa nos EUA, excetuando alguns artigos de jornal pelo qual recebe algum dinheiro, algumas conferências que pronuncia, alguns seminários que anima, ajuda financeira de alguns amigos etc. seus rendimentos não são suficientes para o sustento da família. É realmente Karola, que consegue trabalho como arquiteta, quem garante a regularidade da renda familiar.

Apesar destas dificuldades pecuniárias, o trabalho filosófico de Bloch avança a passos largos. Em 1940 já tem o manuscrito acabado de *Direito Natural e Dignidade*

³ Infante (2019), no prólogo de sua tradução para o espanhol de *Herança Desta Época*, após indicar que outras formas pelas quais *ungleichzeitigkeit* é traduzido: assincronia, assimultaneidade, indica que é mais adequado acontemporaneidade. Em seu estudo sobre *Herança Desta Época* (Infante, 2009), quando ainda traduzia a obra do alemão para o espanhol, utiliza a grafia não-contemporaneidade. Também, na entrevista de Dietschy (2018), que foi assistente de Bloch, aparece a grafia não-contemporaneidade. A tradução do livro de Zudeick (1992) emprega o termo assincronia. Bicca (1997) emprega o termo não-simultaneidade, o qual estamos utilizando em nossa discussão.

Humana, que tinha o título original de *Direito Natural e Socialismo*. Em 1944, seu *O Princípio Esperança* já alcançava a soma de quase 1.980 páginas, na época intitulado ainda de *Dreams of a Better Life (Sonhos de uma Vida Melhor)*. Em 1947, seu estudo sobre Hegel, *Sujeito-Objeto: o Pensamento de Hegel*, já está também terminado. Nenhum destes trabalhos, contudo, foi publicado quando Bloch ainda estava nos EUA.

A família Bloch, devido às dificuldades financeiras, o que não era também nada excessivamente alarmante, vive em vários lugares nas proximidades de Nova York. Às vezes conseguem uma moradia de algum amigo, pela qual não precisam pagar aluguel, às vezes mudam-se para uma residência cujo preço do aluguel é compatível com os rendimentos da família. Bloch nunca se adaptou ao país que o acolheu. Não se dedicou a aprender o inglês, para que conseguisse produzir seus trabalhos no novo idioma, como era prática mais habitual dos exilados alemães. Não gostava da cultura americana. Vivia mais isolado e dedicado ao seu trabalho. Como não tinha que dispende seu tempo para ganhar algum dinheiro, dedicava-o inteiramente à obra filosófica, tendo como resultado os livros que aludimos acima. Mas, mesmo assim, ainda nos EUA, em 1946, publica *Liberdade e Ordem: Compêndio de Utopias Sociais*, o capítulo 36 dos manuscritos do que viria a ser *O Princípio Esperança*.

Findada a segunda guerra mundial, em 1949, Bloch recebe convite, aos 63 anos de idade, para assumir a cátedra de filosofia em duas universidades alemãs. O que a rigor, não é tão animador assim. Esta é geralmente a idade na qual um professor já está se aposentando e não assumindo o primeiro posto de trabalho, iniciando uma carreira universitária. Foi bem este o sentimento de Bloch, como informa Zudeick (1992). Contudo, o desejo em retornar à Europa e, sobretudo, o sentido de sua obra em sua vida, determinaram Bloch a recusar o convite da Universidade Goethe, de Frankfurt, e aceitar a cátedra de filosofia da Universidade Karl Marx, de Leipzig. Segundo Munster (1993) e Zudeick (1992), o aceite para o cargo teve mais a ver com o desejo de ver a obra, como um todo, publicada e divulgada, contribuir para a efetivação de uma sociedade realmente socialista na Alemanha Oriental, ou seja, de ver a utopia realizada, do que propriamente com questões financeiras e tranquilidade que o cargo possibilitaria.

Bloch vive em Leipzig de 1949 a 1961. Nestes doze anos, passa de grande pensador do socialismo à pária e traidor da pátria socialista. Desde sua chegada à universidade, já demonstra posicionamento crítico ao marxismo vulgar, típico dos

funcionários e defensores dogmáticos da URSS, RDA etc. Contudo, ele próprio é ambivalentemente defensor de tais sociedades. Ser crítico do marxismo vulgar, o que já começa a lhe render desafetos, não implica, de forma alguma, criticar ao stalinismo. Isto soa contraditório. O melhor teórico da utopia é justamente um defensor de Stalin. Sim, foi exatamente este o caso. Na década de 1930, Bloch defende a URSS e Stalin, justifica os processos de Moscou e o pacto russo-alemão como sendo necessários à defesa da revolução. Apesar das críticas a tais processos serem realizadas por vários setores da esquerda, Bloch não é dissuadido de sua defesa apaixonada e dogmática da nascente pátria socialista (na verdade, um capitalismo de Estado), filha deformada da revolução. Bloch mantém esta postura ainda na década de 1950. Como já demonstramos antes, a primeira edição de *O Princípio Esperança*, de 1954, contém muitas referências elogiosas a Stalin e Lenin. Na segunda edição, de 1959, tais referências a Stalin são retiradas, mas Lenin ainda é mantido em alto conta.

Em 1949, é publicada, no México, a primeira edição de *Sujeito-Objeto: o Pensamento de Hegel*. O livro é recebido muito criticamente pelos defensores do regime, mas, em contrapartida, tem uma boa acolhida entre estudantes e intelectuais mais próximos a Bloch. Este livro, como se sabe, já estava escrito há algum tempo, desde o exílio americano de Bloch. A obra filosófica, contudo, prossegue, mas agora, Bloch é professor, anima um seminário semestral, trabalha com estudantes, ministra conferências, aulas regulares etc. Apesar deste trabalho regular como professor universitário, já em 1952, aparece *Avicena e a Esquerda Aristotélica* e em 1953 *Thomasius: um Ilustrado Alemão sem Miséria*. Em 1954, é publicado, finalmente, o primeiro volume de *O Princípio Esperança*, em 1955, o segundo volume. A íntegra dos três volumes só aparecerá em 1959.

Bloch passa a ter uma vida, do ponto de vista material, bastante tranquila. Professor de renome, diretor do Instituto de Filosofia da Universidade Karl Marx, tem rendimentos relativamente elevados, mora numa residência espaçosa e confortável, com imponente biblioteca etc. Em 1955, aos 70 anos, é homenageado, prestigiado, recebe prêmios, está no auge da fama e de sua carreira. Sua obra, contudo, é questionada por intelectuais mais subservientes ao regime. Ele próprio não realiza uma crítica radical ao dito “socialismo real”, o qual, de fato, defende, mesmo que criticamente.

Por exemplo, num curso de filosofia do direito, retoma a tese de Engels sobre o deprecimento progressivo do Estado, complementada com a discussão de Lenin de que,

no socialismo, o Estado pode ser gerido pela mais simples cozinheira. A referência à cozinheira é uma crítica a Ulbricht (o político responsável pela construção do muro de Berlim, presidente do SED, partido do poder na RDA), ou seja, um alto membro da burocracia estatal. Contudo, neste particular, a posição de Bloch era a de criticar internamente a RDA, mas defendê-la no exterior. Isto porque, para Bloch, o futuro socialista estava ali na RDA, na URSS.

Após o levante dos conselhos operários na Hungria e na Polônia, bem como as reverberações disto na própria RDA, Bloch apoia a invasão soviética na Hungria com a alegação de que havia ali uma ameaça fascista, mas defende o levante dos operários na Polônia. Esta postura lhe rende, definitivamente, a pecha de revisionista. Sua crítica ao marxismo vulgar, sua crítica à URSS devido à repressão ao levante na Polônia etc. azedam a relação com a política oficial da RDA e com a *intelligentsia* mais afeita ao regime.

A partir daí a situação só se complica para Bloch. Em 1957, é demitido de sua cátedra, é impedido de ministrar conferências e cursos na RDA, alguns de seus alunos, amigos e seguidores são perseguidos e presos. Bloch só não é encarcerado porque isto poderia render uma má imagem à RDA, além dele já está demasiado velho. Contudo, o partido consegue o pretendido: o silenciamento e isolamento de Bloch. Ele, nesta situação, prossegue, contudo, com seu trabalho filosófico, pesquisando e escrevendo. O que é ainda importante ressaltar é o fato de em meio a tantas contradições, Bloch persistir na defesa do stalinismo, da URSS, da RDA etc. Sua crítica mais consistente a estas sociedades só se dará em momento posterior. Em 1959, quando consegue publicar, em Frankfurt, ou seja, na Alemanha Ocidental, na íntegra os três volumes de *O Princípio Esperança*, as citações e referências a Stalin, como já indicamos, são retiradas. E como salienta Zudeick (1992), ainda em 1960/1961, Bloch tinha fé na melhora do “socialismo” na RDA. Em 1961, quando estava passando uma temporada em Munique, recebe a notícia da construção do muro de Berlim. Após conseguir trazer seus manuscritos para Tübinga, decide abandonar Leipzig e inicia seu último autoexílio, aos 76 anos de idade.

Como o que até recentemente era, um defensor do stalinismo, Bloch não é bem recebido por determinados setores da intelectualidade (tanto da chamada direita quanto da esquerda). Também, agora como autoexilado, é criticado pela RDA e stalinistas, como desertor e traidor. É assim que Bloch é recebido na universidade de Tübinga. Inicialmente consegue um seminário, mas não como contratado. Só consegue estabilidade no ano

seguinte, com um contrato que durará até 1965, quando se aposentará aos 80 anos. Mantem-se como crítico radical do capitalismo, mas agora também começa a abandonar a ambivalência na crítica à URSS, denominando este tipo de sociedade de “capitalismo de Estado”⁴, afirmando que ali o proletariado é explorado de maneira aviltante. O “que se entendeu por socialismo ainda não começou em absoluto”⁵ (BLOCH *apud* ZUDEICK, 1992, p. 258).

Em meio a isto, o trabalho filosófico prossegue e Bloch publica importantes livros, bem como dá continuidade à organização de suas obras completas, na qual trabalhará até o último dia de sua vida. Isto literalmente, pois no dia anterior à sua morte, estava exatamente laborando nos manuscritos que comporão suas obras completas. Em 1962, publica *Extranhamentos*⁶, em 1964, *Geographica*. Em 1963, publica *Introdução de Tubinga à Filosofia*, reeditada e ampliada em 1970. Em 1968, publica *Ateísmo no Cristianismo. Composições Literárias* aparece em 1965 e *Composições Filosóficas* em 1969. No ano de 1970, reedita um conjunto de textos escritos na década de 1930, mas amplamente revistos e alterados, intitulado *Medidas Políticas*. Aqui ele acerta as contas com sua antiga defesa do stalinismo. É criticado por alterar radicalmente textos que são datados historicamente. Em 1972, aparece finalmente seu livro sobre o materialismo, uma discussão que já vinha se arrastando há décadas, intitulado *O Problema do Materialismo: sua história e substância*. Em 1975, aparece seu livro da lógica, um projeto que desde sua

⁴ Isto é afirmado por Zudeick (1992), contudo, como pode ser observado na nota de rodapé seguinte, a concepção de Bloch sobre capitalismo de Estado não é bem esta e, de qualquer forma, ele define a URSS como “socialismo de Estado” e não “capitalismo de Estado”.

⁵ Esta afirmação de Bloch é de 1963. Contudo, embora fosse hábito seu revisar os livros que publicava, sua defesa da URSS permanece em *O Princípio Esperança*. Ele tem uma concepção problemática sobre o que é capitalismo de Estado, entendendo-o como associação de capitalistas, o que ficou conhecido como capitalismo monopolista, capitalismo tardio, ou seja, o fim da chamada livre concorrência e assunção da economia pelos monopólios e oligopólios. Define URSS como sendo socialismo de Estado, aceitando a ideologia do Estado de transição socialista (ideologia fundamentada por Lênin e todos os seus epígonos). A seguinte afirmação demonstra isto: “Igualmente o socialismo de Estado, na proporção em que se manifesta, está em vias de processo de um ato, e por consequência é temporário e está em vias de demolição. Porque o alvo em operação no ato é o definhamento do Estado” (BLOCH, 2006, p. 456). E mais à frente, no mesmo parágrafo, afirma: “Uma União Soviética em estágio de maturidade convidativa torna-se, em todos os lugares, um fim para esse capitalismo de Estado” (BLOCH, 2006, p. 456). No mínimo, pode-se dizer que a avaliação de Bloch a tal respeito é ambivalente. Aliado a isto, há toda uma literatura importante, que Bloch nunca faz referência, embora fossem contemporâneos seus (e famosos dentro dos debates da esquerda), como Korsch, Pannekoek, Mattick, Rühle que tinham, desde a década de 1920, uma leitura bem diferente da revolução russa e da posterior URSS, sendo esta qualificada de capitalismo de Estado. Não podemos desenvolver esta discussão aqui, que já fizemos em outros momentos (MAIA, 2018; 2020). Também Viana (2019) tem uma excelente exposição do tema. Existe também uma longa e extensa produção desde a década de 1930, que tem nos comunistas de conselhos uma importante base para a crítica da URSS e o chamado socialismo real como países capitalistas de Estado.

⁶ Esta grafia encontra-se no livro Zudeick (1992).

juventude estava em elaboração e reelaboração. Trata-se de *Experimentum Mundi*. Por último, em 1977, Bloch publica *Entremundos na História da Filosofia*.

Politicamente, Bloch também se mantém ativo, embora não seja correto dizer que fosse um militante, membro de organizações, articulador de atos etc. Contudo, participa de protestos contra a guerra do Vietnã, faz conferências em defesa dos estudantes que a partir de 1968 assumem a cena política de maneira crítica, critica a invasão soviética a Praga em 1968 etc. A vida de Bloch, portanto, é, tanto do ponto de vista intelectual quanto político, uma obra do século XX. Falece em 1977, aos 92 anos de idade. Uma mente crítica, uma prática política ambivalente em determinados aspectos, uma obra original e monumental, mas que, por vezes, reproduz esta ambivalência. Aqui no Brasil, certamente, as editoras ainda falham em não traduzir mais materiais deste autor. Para o público brasileiro é, com certeza, uma obra e uma vida ainda a ser mais e melhor conhecidas.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985).

BICCA, Luiz. *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo: Loyola, 1997.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 2. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2006.

DIETSCHY, Beat. En recuerdo de Ernst Bloch: entrevista com Beat Dietschy. Aníbal Pineda Canabal. *Escritos* 26.57, 2018. pp. 409-426.

FURTER, Pierre. *Dialética da esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

INFANTE, Miguel Salmeron. *Introducción*. In: BLOCH, Ernst. Herencia de esta época. Madri: Tecnos, 2019.

INFANTE, Miguel Salmeron. Antes, desde y para el exilio. Herencia de esta Época (1935/1962) de Ernst Bloch. *Arobor*. CLXXXV, septiembre-octubre, 2009, pp. 953-962.

KROTZ, Esteban. Introducción a Ernst Bloch (a 125 años de su nacimiento). *En-Claves del Pensamiento*. Año V, núm. 10, julio-diciembre, 2011, pp. 55-73.

MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2018.

MAIA, Lucas. *A concepção marxista de autogestão*. In: VIANA, Nildo. O marxismo autogestionário. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

MUNSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

ZUDEICK, Peter. *Ersnt Bloch*. Valência: Edicions Alfons El Magnànim, 1992.

Texto aprovado para publicação em 04 de setembro de 2022.